

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de São Paulo

Class.: G3R00530

Data 09/07/80

Pg.: _____

Quinze nações indígenas apóiam a criação da UNI

Quinze nações indígenas já estão comprometidas com a criação da UNI — União das Nações Indígenas — lançada no dia 7 de junho na aldeia terena do Mato Grosso do Sul e divulgada ontem na conferência "Criação da Federação Indígena Brasileira" por Mário Juruna (Xavante), Domingos Veríssimo Marcos (terena, presidente provisório da UNI), Paulo Miriacleu (bororo), José Augusto (potiguara) e o representante da Federação Schuar, do Equador, Ampam (jivaro).

A UNI é o resultado da fusão da Unind, criada por estudantes indígenas de Brasília, em abril, com o projeto da federação dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul, convocada pelo chefe terena Domingos Marcos. Uma assembleia geral, no dia 7 de junho, marcou o nascimento da entidade que deverá, até setembro, realizar nova assembleia já com as nações que estão sendo contactadas em vários estados. A data de 19 de abril de 1981 está marcada para a realização da assembleia de nações, onde formalmente serão aprovados estatutos e eleita a diretoria da UNI. Os índios reivindicam o apoio da Funai e das várias entidades, mas ressaltam, enfáticos, que não dependem delas.

Mário Juruna não teme a eventual proibição da Funai: "O governo e a Funai não admitem a Federação. Eles não vão permitir. Mas nós, os índios, temos esse direito. Nós somos livres, brasileiros e não vamos esperar que o governo nos diga o que fazer ou não. O governo inventa as suas leis mas nós acompanhamos as nossas. Índio não tem burocracia. Os índios estão acabando. Não pode continuar como está hoje. A Federação vai ajudar a gente a resolver os nossos problemas."

A situação dos povos indígenas do Brasil, segundo Domingos Marcos, "não pode ser pior": "A realidade que vivemos são as guerras, a violência, as ameaças, o sofrimento. Em 1500 éramos 4 ou 5 milhões. Hoje, 200 mil. Nós recebemos Cabral e os jesuítas de braços abertos, como agora o papa João Paulo 2.º. Mas a cada ano morrem 10 mil in-

díios. Por dia, 23 a 30 dos nossos irmãos estão desaparecendo na Terra da Santa Cruz." Para Domingos, a luta pela UNI, assim como a luta dos índios, "é uma luta de sobrevivência: se não lutar, desaparece".

Paulo Miriacleu foi um dos estudantes da nação bororo em Brasília. Para ele, a penetração cultural pelo rádio e pela televisão, por exemplo, está substituindo as danças rituais pelo forró caipira e a discoteque: "Isso não é civilização. De vocês nós queremos estudo para saber combater na política o inimigo invasor."

José Augusto, da nação potiguara, considera a UNI "uma árvore que estamos plantando, espalhando as raízes. Nós queremos o apoio da Funai, essa mãe adotiva ingrata, da Anai, (Associação Nacional de Apoio ao Índio), das comissões pró-índio e dos cientistas. Peço o apoio para que nós, os índios do Brasil, possamos sobreviver sem os problemas que nos estão afligindo".

Ampam, da bem organizada Federação Schuar, do Equador, contou sua experiência: "O problema do índio na América Latina não é índio contra branco, mas ricos versus pobres, entre os quais os índios. Por isso buscamos solidariedade nas organizações de camponeses e nos sindicatos. A perda da terra indígena deve-se à penetração imperialista e à expansão das grandes fazendas. Dá-se aí uma violenta penetração cultural. O tratado de cooperação amazônico, por exemplo, firmado pelos países amazônicos, entre os quais o Equador e o Brasil, ignora os índios que aí residem há séculos. Tratamos apenas como uma sociedade-vitrina, para fins turísticos ou para ser estudada e catalogada. Por isso, queremos nos manter "puros". Ora, as sociedades evoluem. Nós não somos estáticos".

Aos índios brasileiros, Ampam deixou o conselho: "Organizem-se, procurem conhecer os povos indígenas de outros países e encontrem suas próprias maneiras de participar na condução de seus destinos."